

A cabeça de carneiro da colecção de António Joaquim Júdice

Teresa Júdice Gamito *

Resumo

Esta pequena peça de bronze representando uma cabeça de carneiro pertenceu à colecção de António Júdice, colaborador de Estácio da Veiga na elaboração do Museu do Algarve em finais do século XIX e que constituiu, mais tarde, o núcleo do que hoje é o Museu Nacional de Arqueologia e Etnologia.

Trata-se, provavelmente, do produto de um hábil artista grego dos finais do período arcaico, de cerca da segunda metade do século VI a.C., dada a sua semelhança de estilo com a estatuária grega da mesma época, bem como a sua identidade com os elementos dos célebres *rhyta* dos túmulos de Rochava e dos Sete Irmãos. Constituiu, certamente, um dos elementos ornamentais de um objecto ritual relacionado com o culto de Amon, que então gozava de grande popularidade entre os Gregos e nas suas colónias do Mediterrâneo. A discussão dos diferentes casos de ocorrência de objectos semelhantes em estações arqueológicas na península Ibérica levaram à conclusão de que seria de excluir a possibilidade deste objecto ser um produto de origem púnica, tal o caso dos amuletos de Cádiz ou do marfim de Acebujal, ou mesmo céltica, como é o caso do exemplar de El Barrueco. Faz-se ainda referência ao elemento do *rhyton* indígena do Castro da Azougada, de enorme simplicidade, e em que os traços do focinho do carneiro são apenas apontados.

Lamentavelmente sem possibilidade de se concretizar o local onde foi encontrado, mas muito provavelmente do Sul da península Ibérica, este bronze devia ter sido parte de um conjunto idêntico ao da pátera de Leontini, constituindo uma das suas pegas, ou, como elemento isolado, semelhante à pequena cabeça de carneiro do Museu de Boston.

* Arqueóloga — Museu Nacional de Arqueologia, Praça do Império, 1400 Lisboa.

Summary

This ram's head belonged to the private collection of António J. Júdice, collaborator of Estácio da Veiga by the end of the 19th Century in the constitution of Algarve Museum, whose collections formed the kern of what is today the Museu Nacional de Arqueologia e Etnologia in Lisbon.

The author considers this bronze as probably being the product of a skillfull artist from the end of Greek archaic period, by the end of 6th Century B.C. Her opinion is based on the comparable style present at Greek statuary from this same period which can be seen in this small ram's head as well as its similarity with the "Seven Brothers" and the Rochava rhyta. On the other hand the influence of Amon's cult was great in Greece, by this time, and in the Greek colonies in the Mediterranean. A discussion of the different ram's heads occurring in some archeological sites lead to the exclusion of the possibility of this object being the product of either punic or celtic origin, mentioning the Cadiz amulets and the ivory ram from Acebujal as well as the celtic example from El Barrueco and the indigenous copy of Azougada.

This bronze, unfortunately without reference to the place where it was found was probably the handle of a bronze patera like that of Leontini, similar to the Boston Museum one.

doando ao Museu pelo irmão de António Júdice, Patrício Júdice, por morte deste.¹ Proprietário e industrial do estaleiro de Lagoa fez um das grandes colaborações de Estácio da Veiga na criação do Instituto Museu da Algarve, cujas colecções formaram o núcleo do que é hoje o M.N.A.E., em Lagos.²

Entre a colecção recolhida por António Júdice de 54 fundições do Museu, destacava-se esta pequena escultura em bronze. Naturalmente a referência é feita ao local onde se realizou a sua manufactura, esta a cumprir a sua função de objecto decorativo, provavelmente do Sul da península Ibérica.

Esta peça de bronze tem a cor de castanho-escuro, por 2,4 cm de largura e 2,5 cm de altura. Trata-se de um elemento ornamental de um objecto de bronce em castanho-escuro, cuja forma é mostrada na fig. 1. Este objecto foi produzido por um processo de fundição em molde, provavelmente de argila, e apresenta uma superfície lisa e brilhante.

Este exemplar da arte e técnica de fundição (fig. 1) tem o número 15 425 de entrada no Museu Nacional de Arqueologia e Etnologia e fez parte da colecção particular de objectos arqueológicos de António Joaquim Júdice, natural da Mexilhoeira da Carregação ou Mexilhoeirinha (Lagoa, Faro), grande amigo de Estácio da Veiga e de Leite de Vasconcellos¹. Este conjunto de objectos foi



Fig. 1 — Cabeça de carneiro da colecção de António Joaquim Júdice.

¹ O *Archeólogo Português*, XI, Lisboa, 1906, pp. 320-321.

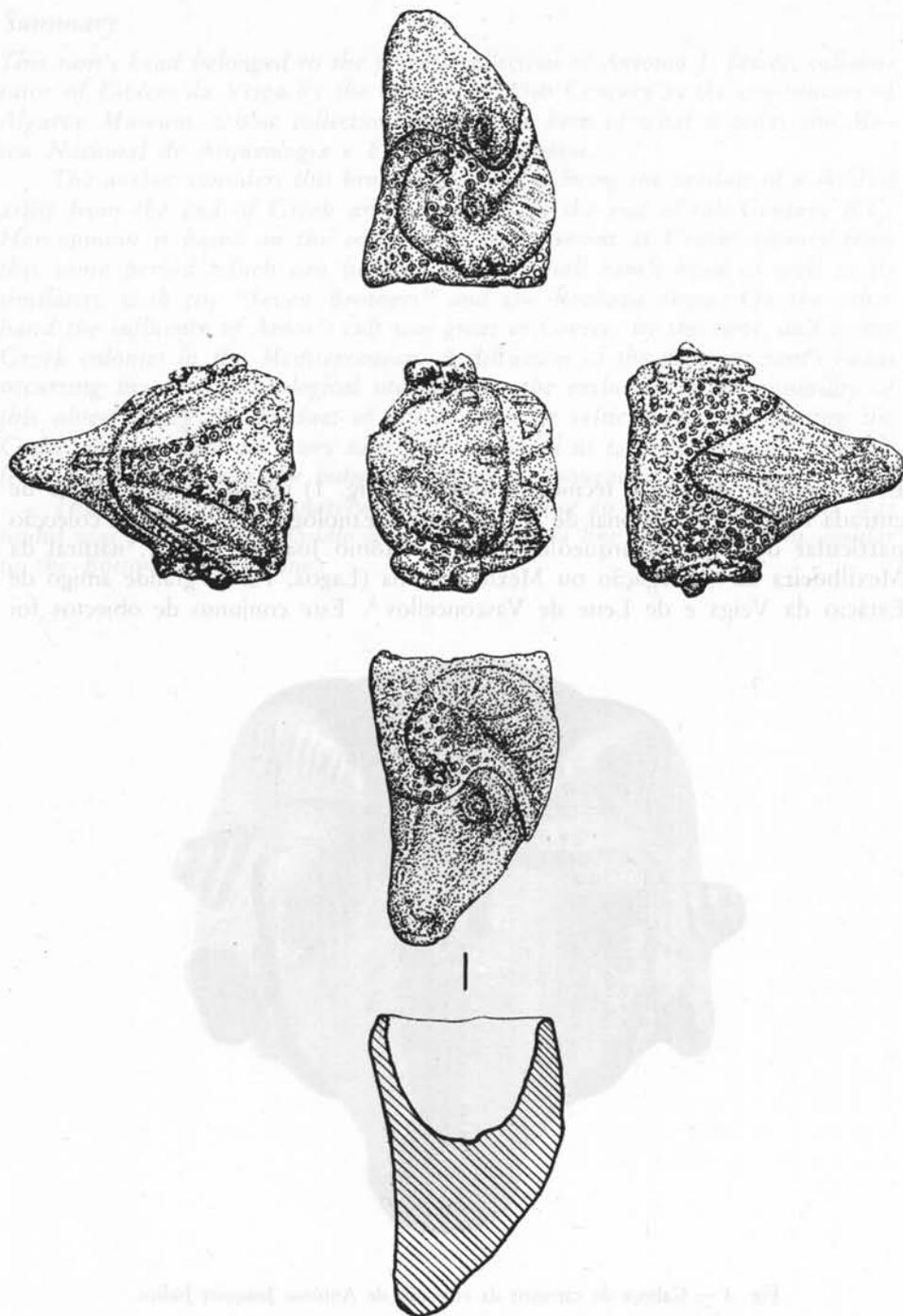


Fig. 2 — Desenho da cabeça de carneiro da colecção de António Joaquim Júdice (esc. 1:1).

oferecido ao Museu pelo irmão de António Júdice, Patrício Júdice, por morte daquele². Proprietário e industrial do concelho de Lagoa foi um dos grandes colaboradores de Estácio da Veiga na constituição do famoso Museu do Algarve, cujas colecções formaram o núcleo inicial do que é hoje o M.N.A.E., em Lisboa³.

Entre a colecção recolhida por Bernardo de Sá, funcionário do Museu⁴, encontrava-se esta pequena cabeça de carneiro. Lamentavelmente nenhuma referência é feita ao local onde foi encontrada, ou se, porventura, estava acompanhada por outros objectos, sendo muito provavelmente do Sul da península Ibérica.

Esta peça de bronze tem 4 cm de comprimento, por 3,4 cm de largura e 2,5 cm de altura. Parece tratar-se de um elemento ornamental de um objecto de bronze onde encaixava (repare-se no perfil da fig. 2). Fundido pelo processo de cera perdida, revela grande beleza de traços, riqueza de detalhe e proporções perfeitas, o que confere ao conjunto grande equilíbrio e serenidade (fig. 1). O focinho alongado e demarcado do resto da face termina nas narinas perfeitamente visíveis sobre a boca indicada por uma ligeira depressão, prolongando-se lateralmente (fig. 3). Os olhos estão pormenorizadamente desenhados, distinguindo-se a pupila, na íris ocular, rodeados pelas pálpebras e arcadas sobre-



Fig. 3 — Pormenores do traçado da boca e narinas.

² *Op. cit.* (v. nota 1), pp. 197-198.

³ Referido frequentemente pelo próprio E. Veiga em: VEIGA, S. M. P. E., *Antiguidades Monumentais do Algarve*, IV, Lisboa, 1890. PEREIRA, M. L. E. V. S., *O Museu Archeologico do Algarve*, Faro, 1980.

⁴ *Op. cit.* (v. nota 1). Número de inventário 15 425.

ciliares, levemente salientes, mas proporcionadas (figs. 3 e 4) e os caracóis do pêlo, que assomam em redor de toda a cabeça, surgindo por baixo e em torno dos chifres envoltentes, são representados por pequenos círculos cuidadosamente estampilhados, com a parte central mais elevada dando perfeitamente a ideia do que se tentava representar (figs. 1, 2, 3, 4 e 5).



Fig. 4 — Pormenor da configuração do olho.

Um diadema ornamenta a frente deste carneiro e ao centro devia ter tido uma incrustação que se perdeu (fig. 3), mas cujo espaço e forma é perfeitamente visível. Estes dois pormenores levam-nos a concluir estarmos seguramente perante um objecto cultural cujo carácter está personificado no carneiro ao qual se procurou salientar este aspecto especial.

Por se tratar de um animal com atributos divinos e pela configuração que apresenta, consideramos tratar-se de um objecto do final da I Idade do Ferro, com características nitidamente orientalizantes.

Pela análise sumária do aspecto exterior desta cabeça de carneiro a que já referimos, e pelas características de estilo, julgamos tratar-se de um exemplo da perícia e sensibilidade de um artífice grego. Na verdade a análise dos traços fisionómicos do animal, em que o equilíbrio e a beleza perfeita prevalecem e a sua semelhança com as duas cabeças de carneiro dos *rhyta* gregos citados por Jacobsthal (1968), um encontrado no túmulo sita "Sete Irmãos" (fig. 6) e o outro do túmulo trácio de Rochava, perto de Staro-Novosélo (fig. 7), e ainda pelas características da pequena estatuária grega do final do período arcaico

com influências orientalizantes no século VI a.C.⁵, levam-nos a concluir que estamos de facto perante um exemplar de manufatura grega do final daquele século.

Na verdade um dos traços deste período na Grécia foi a influência egípcia quer na estatuária, como na arquitectura e na própria religião, como é o caso

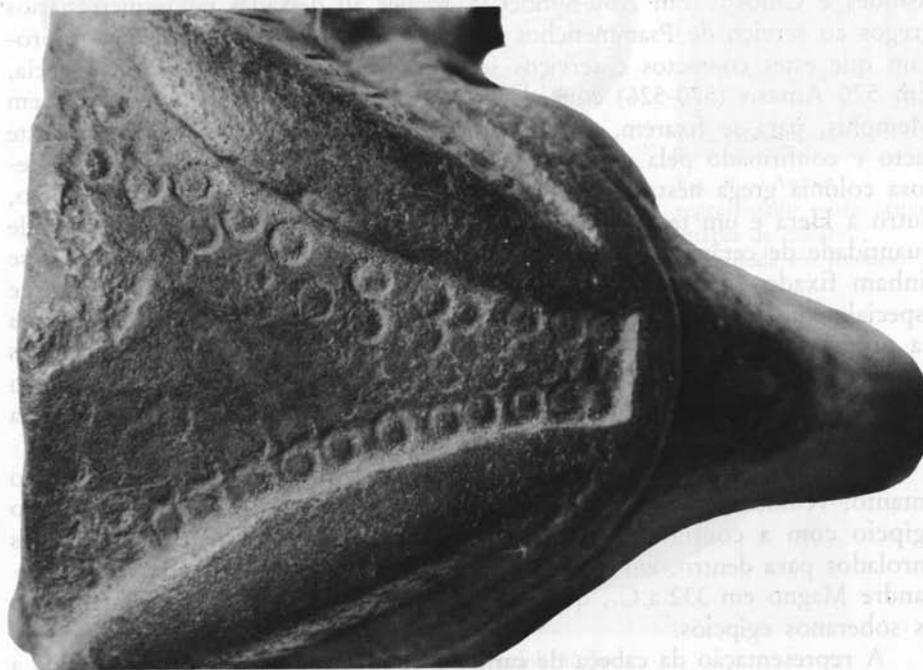


Fig. 5 — Representação do pêlo, por estampilhagem de pequenos círculos.

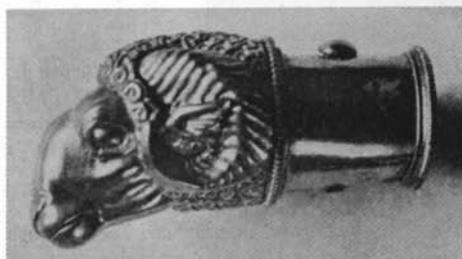


Fig. 6 — Cabeça de carneiro em ouro do rhyton grego do túmulo dos "Sete Irmãos" (Jacobsthal, 221a).

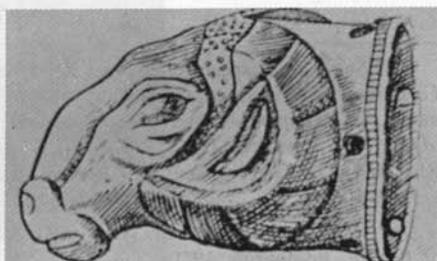


Fig. 7 — Cabeça de carneiro do túmulo de Rochava (Jacobsthal, 221b).

⁵ ROBERTSON, M., *A history of Greek Art.*, Londres, 1975; BOARDMAN, J., *The Greeks overseas*, Londres, 1980; SNÖDGRASS, A., *Archaic Greece*, Londres, 1980; TRUMP, D., *The Prehistory of the Mediterranean*, Londres, 1980; COOK, R. M., *The Greeks till Alexander*, 1961.

do culto a Amon⁶. Possivelmente, isto deve-se ao facto de Psammetichos I (664-610), o primeiro rei da XXVI dinastia, ter contratado mercenários gregos oferecendo-lhes em troca dos bons serviços prestados, terras para se fixarem junto ao Nilo⁷. Por outro lado, verifica-se o aparecimento de objectos egípcios em túmulos gregos, como é o caso em Corinto, e em contextos geométricos de Rhodes e Chios⁸. Em Abu-Simbel inscrições ali deixadas pelos mercenários gregos ao serviço de Psammetichos II (595-589) contra o rei da Núbia⁹, provam que estes contactos e serviços se mantiveram com uma certa constância. Em 570 Amasis (570-526) concedeu aos gregos ao seu serviço uma área em Memphis, para se fixarem, e o monopólio do comércio de Naucratis¹⁰. Este facto é confirmado pela arqueologia ao comprovar a existência de uma poderosa colónia gregã nesta cidade, onde construíram três templos, um a Apolo, outro a Hera e um terceiro a Hellion¹¹ e ainda por terem encontrado grande quantidade de cerâmica de Corinto e de Chios, provando que os gregos já se tinham fixado em Naucratis em cerca de 620 a.C. O culto a Amon surge especialmente forte nas colónias gregas da Cirenaica (actual Líbia) comprovada na própria cunhagem das moedas em que Zeus é representado com os chifres envólventes do deus (fig. 8), e em Rhodes onde se encontrou uma pequena estátua de calcário representando Amon sentado num trono, à maneira egípcia (fig. 9)¹².

Se o culto a Amon se manteve vivo posteriormente, é difícil prová-lo; no entanto, vemos ainda a característica representação desta divindade do panteão egípcio com a configuração da cabeça de carneiro, sempre com os chifres enrolados para dentro, envolvendo a cabeça, surgir também adoptado por Alexandre Magno em 332 a.C., quando foi considerado filho de Amon, tal como os soberanos egípcios.

A representação da cabeça de carneiro continua a apresentar-se associada a objectos rituais como na magnífica pátera de Leontini, colónia grega do Sul da Sicília (fig. 10). De igual modo a cabeça de carneiro do Museu de Boston (fig. 11), com o número 668 no catálogo do Museu¹³, devia ter pertencido a um objecto semelhante.

⁶ Sobre este aspecto cf. p. ex.: BOARDMAN, J., *Greek Art*, Londres, 1973; COLDSTREAM, J., *Geometric Greece*, Londres, 1977; HAWKES, J., *The First Great Civilisations*, Londres, 1973; MOREL, J. P., *L'Expansion Phocéenne en Occident*, B. C. H., Paris, 1975; PHILLIPS, P., *The Prehistory of Europe*, Londres, 1980; RENFREW, C., *Problems of European Prehistory*, Londres, 1977; RIDGWAY, D., *Greeks, Celts and Romans*, Londres, 1973.

⁷ HERODOTUS, trad. A. Aubrey, 2, Londres, 1954, p. 152.

⁸ BOARDMAN, J., *op. cit.* (v. nota 5); SNODGRASS, A., *op. cit.* (v. nota 5); *id.*, *The dark age of Greece*, Edinburgo, 1971.

⁹ HERODOTUS, *op. cit.* (v. nota 6), p. 161.

¹⁰ HERODOTUS, *op. cit.* (v. nota 6), pp. 178-179.

¹¹ Escavações efectuadas por Petrie (1884/5) continuadas por Gardner e Griffith, ainda no século passado e finalmente terminadas por Hogarth em 1903, segundo as características da época.

¹² CERNY, J., *Ancient Egyptian Religions*, Londres, 1973; IONS, V., *Egyptian Mythology*, Feltham, 1968.

¹³ COMSTOCK, M., e VERMEULE, C., *Greek, Etruscan and Roman Bronzes*, Boston, 1971, peça referida com o número 668.



Fig. 8 — Moeda de Cirene, colónia grega da Cirenaica.



Fig. 9 — Amon, representado nesta pequena estátua de calcário encontrada em Rhodes.

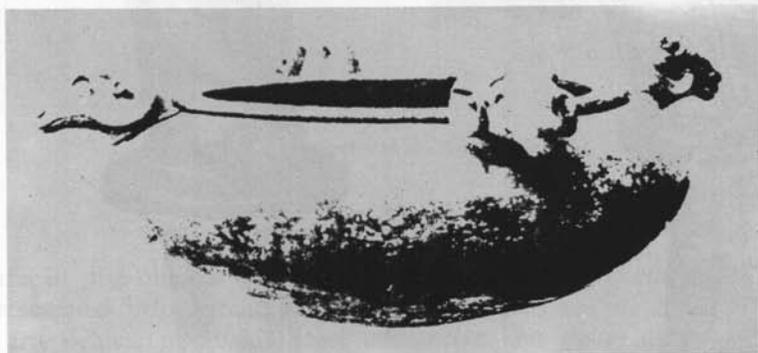


Fig. 10 — Pátera de Leontini, Sicília.



Fig. 11 — Cabeça de carneiro do Museu de Boston.

Consideramos de excluir uma filiação púnica ou mesmo céltica para este exemplar.

Em Cartago o deus Baal, ligado ao culto da fertilidade e da chuva, é também representado com chifres de carneiro, mas as características da pequena estatuária púnica, não se assemelham às desta cabeça de carneiro: repare-se na

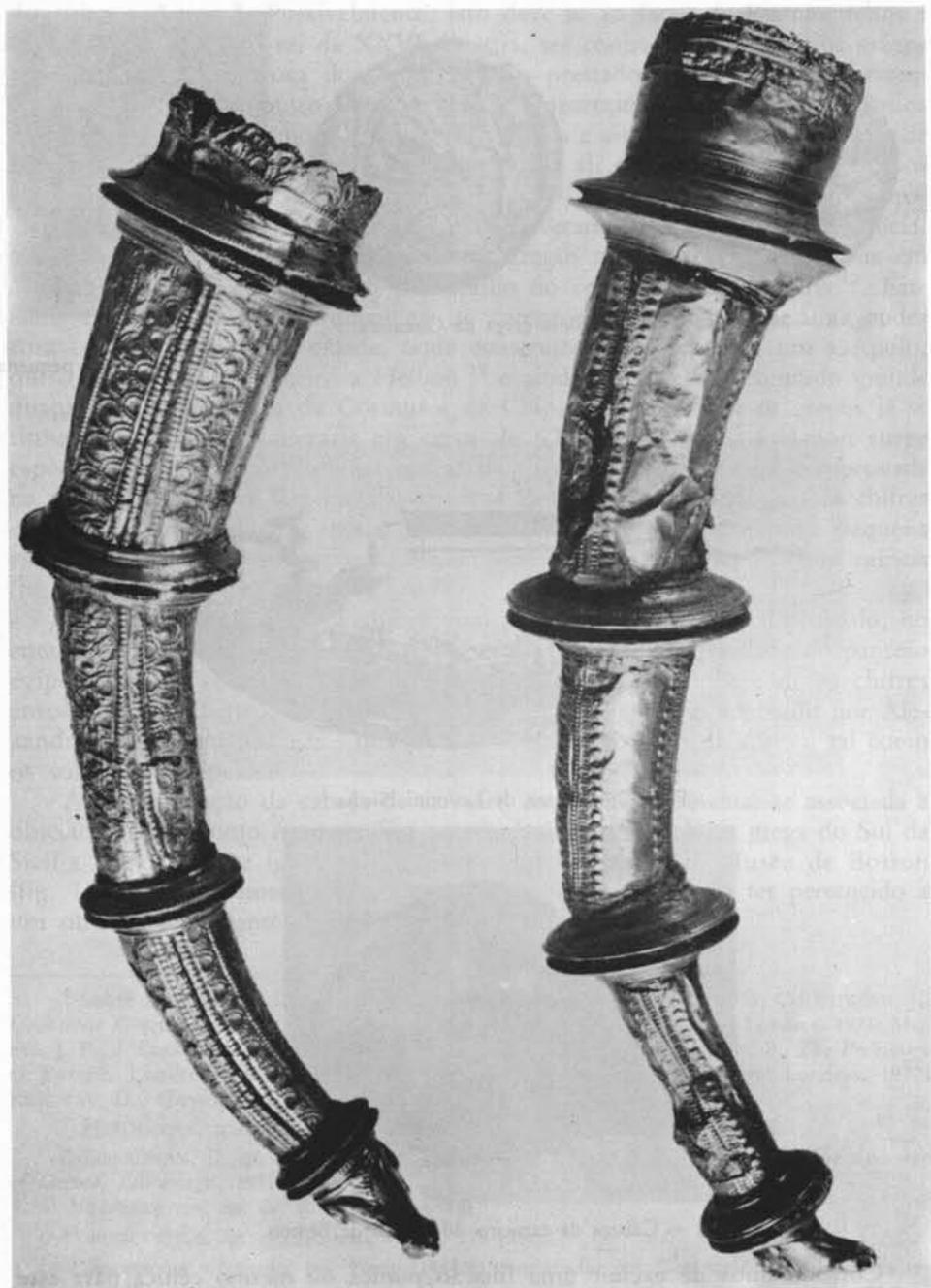


Fig. 12 — *Rhyta* célticos de Klein Aspergle.

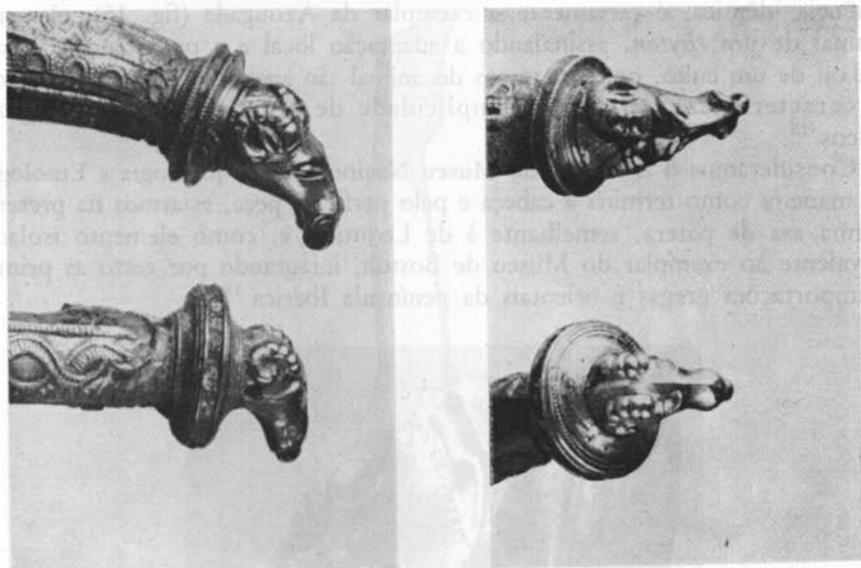


Fig. 13 — Pormenores da figura anterior.

configuração dos olhos e na representação do pêlo, completamente diferente das apresentadas pelos amuletos de Cádiz ¹⁴ ou nos marfins de Acebujal ¹⁵.

A arte céltica, porquanto fosse influenciada em alguns aspectos pela arte grega, especialmente devido aos contactos havidos com as colónias gregas da Trácia e das costas do mar Negro, produziram cópias muito inferiores dos *rhyta* gregos, como é o caso dos exemplares de Klein Aspergle (figs. 12 e 13) ¹⁶, com características de estilo completamente diferentes do exemplar da colecção de António Júdice. Repare-se no alongamento excessivo do focinho, na imperfeição dos traços.

No entanto, não podemos dizer que estes vasos rituais de feitura céltica estivessem ausentes da península Ibérica. O belo exemplar da colecção do padre Morán (fig. 14), referido por Maluquer de Motes ¹⁷ e por ele considerado como o terminal de um torques, o que também é possível, apresenta uma estilização e uma representação muito mais perfeitas do animal do que os exemplares atrás referidos. De manufactura indígena, mas possivelmente de

¹⁴ GARCÍA Y BELLIDO. A., *História de España*, I-II; BLAZQUEZ. J. M., *Tartessos y los orígenes de la Colonización Fenicia en Occidente*, Madrid, 1975.

¹⁵ Os marfins têm constituído o maior interesse da arqueóloga espanhola Maria Eugenia Aubet, nomeadamente: AUBET. M. E., *Los marfiles Fenicios del Bajo Guadalquivir*, B. S. A. A., XLVI, 1980.

¹⁶ JACOBSTHAL. P., *Early Celtic Art*, Oxford, 1968.

¹⁷ MALUQUER DE MOTES. A., *Excavaciones Arqueológicas en El Cerro del Barrueco*, Salamanca, 1958.

influência idêntica, é certamente o exemplar da Azougada (fig. 15), elemento terminal de um *rhyton*, assinalando a adaptação local e a persistência de uma ideia ou de um culto, onde os traços do animal são apenas apontados, filiando-o nas características de grande simplicidade de grande parte dos bronzes ibéricos¹⁸.

Consideramos o exemplar do Museu Nacional de Arqueologia e Etnologia, pela maneira como termina a cabeça e pelo perfil da peça, estarmos na presença de uma asa de pátera, semelhante à de Leqntini, e, como elemento isolado, equivalente ao exemplar do Museu de Boston, integrando por certo as primeiras importações gregas e orientais da península Ibérica¹⁹.

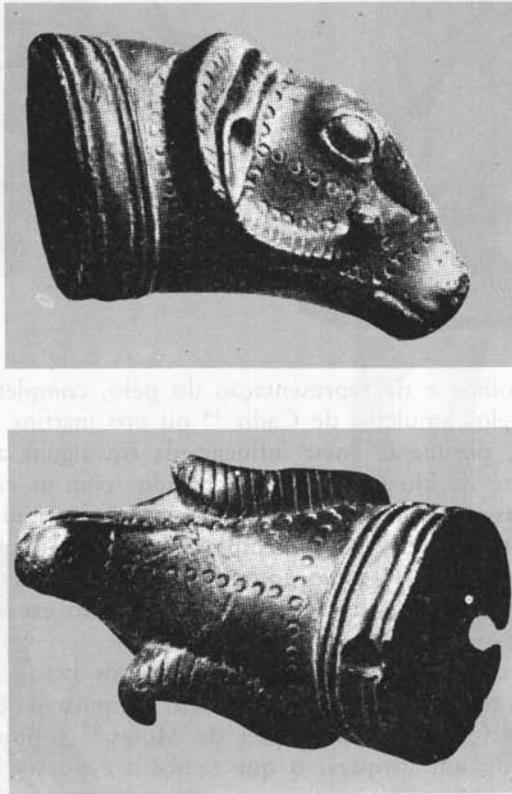


Fig. 14 — Cabeça de carneiro da coleção do padre Morán (Maluquer de Motes).

¹⁸ NICOLINI, G., *Bronzes Ibericos*, Barcelona, 1977; ALMAGRO GORBEA, M. *El Bronze final y el periodo Orientalizante en Extremadura*, Madrid, 1977.

¹⁹ Como é o caso das primeiras cerâmicas gregas importadas: ALMAGRO BASH, M., *Las Necropoles de Ampurias, Barcelona Seix y Barral*, Barcelona, 1953 e dos escaravelhos de Naucratis encontrados nas necrópoles da Idade do Ferro no Alentejo: DIAS, M. A., BEIRÃO, C. M. e COELHO, L., *Duas Necrópoles da Idade do Ferro do Baixo Alentejo: Ourique, O Arqueólogo Português*, Série III, Lisboa, 1970; ou na península Ibérica como é o caso, por exemplo, do escaravelho de La Joya estudado por GAMER-WALLERT, I., *Der Skarabäus vom Cabezo de La Joya im Huelva*, M. M., Madrid, 1973.

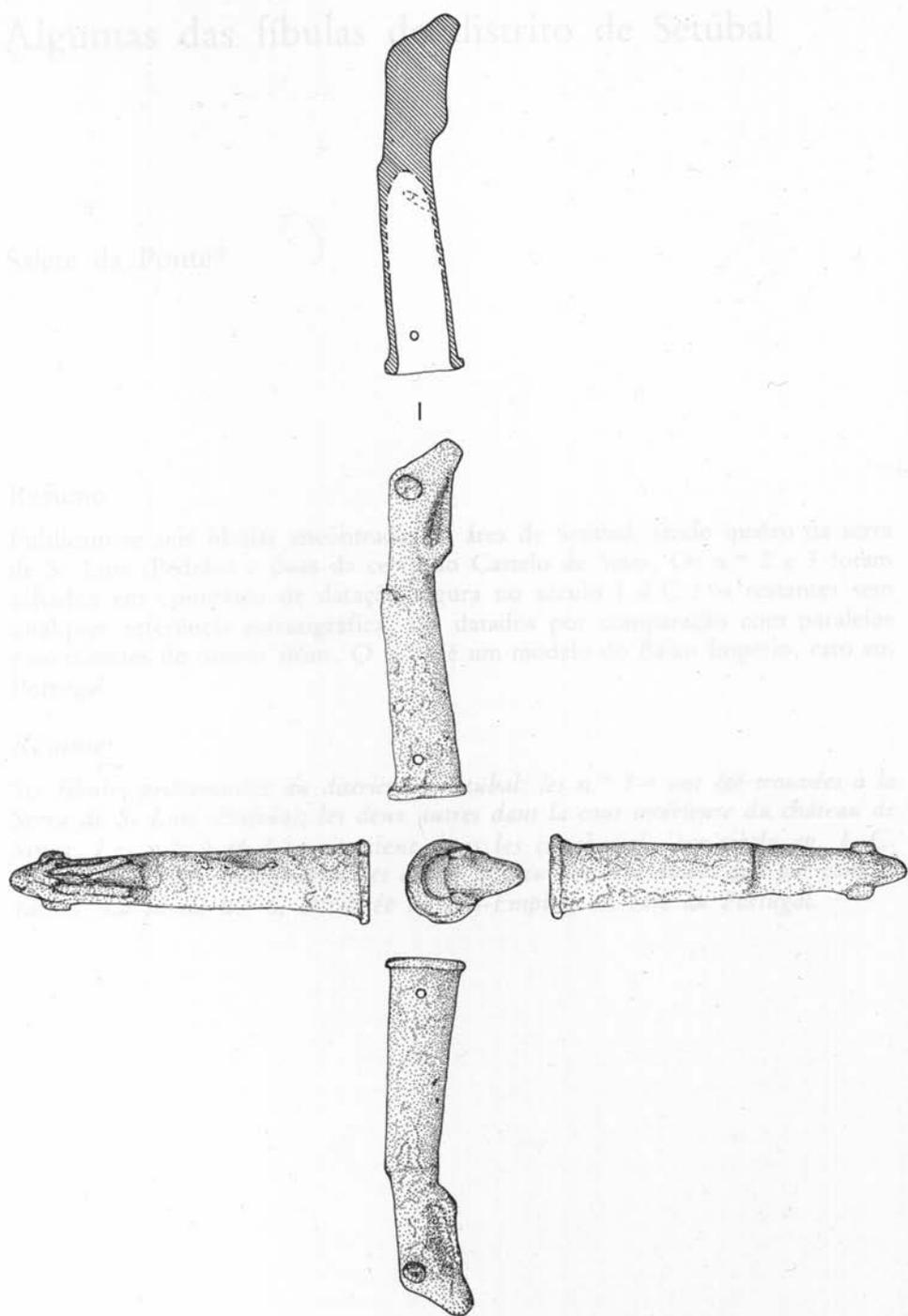


Fig. 15 — Elemento terminal do *rhyton* indígena do Castro da Azougada (esc. 1:2).

